

DEMOCRACIA EM PRETO E BRANCO

TRANSCRIÇÃO

Locutora (Rita Lee): Depois de colonizado e explorado por mais de 300 anos, o Brasil se tornou uma república em 1889. Quase ao mesmo tempo, o povo brasileiro foi apresentado a duas novidades que chegaram da Europa: futebol e democracia. A democracia brasileira começou a funcionar, mas deu uma parada para o almoço e só arrumou o serviço de novo depois da Segunda Guerra. Mas, aí, chegou 1964 e começou a mais longa noite da democracia brasileira. Após 15 anos do Golpe Militar, a barra continuava pesada. Os generais no poder, as forças armadas e a onipresente censura federal ainda torturavam, matavam e amordaçavam o país.

Roberto Frejat: Uma coisa difícil para quem, hoje, está vivendo no Brasil, o adolescente no Brasil, conseguir entender o que que era exatamente você crescer nos anos 70.

Juca Kfourri: Dos grandes males, certamente o maior mal de uma ditadura de tantos anos como o Brasil viveu, não é nem o período em si da ditadura. É a consequência nas gerações futuras pós ditaduras. Quando você, de alguma maneira, treina gerações, uma, duas, três, a não ter sentimento de cidadania, a ter medo da polícia, a ter medo de contestar...

Serginho Groisman: Eu me lembro, assim, com muita tristeza, dos anos 70, lembro de andar com medo nas ruas...

Paulo Miklos: A gente vivia uma coisa da repressão policial. A gente tinha medo da polícia, o carro ROTA, o camburão.

Político (arquivo): Ato público está proibido! Não admitimos passeata, nem comício. Tá todo mundo preso! E eles vão ser enquadrados na Lei de Segurança Nacional.

Repórter (arquivo): E quantas pessoas foram presas?

Político (arquivo): Não sei quantas! Quantas tiverem aqui!

Walter Casagrande: Nós não queremos mais estar na esquina em quatro e chegar a ROTA e falar: "circulando, vamos sair daí, vamo, vambora, só pode ficar de dois". Você só podia conversar em dois. Você passou por isso?

Paulo Miklos: E aí começou a cair a ficha para todos nós do que era realmente a repressão. Começamos a descobrir os porões da ditadura.

Walter Casagrande: Nós não queríamos mais aquilo, meu. O povo brasileiro não queria mais, não.

Locutora (Rita Lee): No Distrito Federal, o General Figueiredo, temido chefe do SNI, recebia a faixa presidencial. Enquanto no Corinthians, outro Presidente driblava o estatuto e reforçava a sua própria ditadura no Parque São Jorge. Naquele tempo, o Timão estava muito por baixo. Vicente Matheus era um tiozinho tão interessando na alternância de poder quanto qualquer um dos milicos de plantão.

Povo brasileiro (arquivo): Jamais será vencido.

Narrador: E aí tínhamos a Lei da Anistia, né. Todo movimento operário do ABC de resistência e tal, que concentrou líderes do Brasil inteiro. O pano de fundo de tudo, daquela época, era democracia.

Narrador: Nós não estávamos até então tão preocupados com a democracia, porque tinha. E aí veio a ditadura. Quando veio a ditadura, vai pra presídio, vai pra prisão, e aí você passa a valorizar a democracia.

Locutora (Rita Lee): Com tantos brasileiros sofrendo no exílio, a gente tava com muita saudade da tal da democracia. Mesmo com medo de tomar porrada, não foram poucos os que resolveram encarar.

Marcelo Rubens Paiva: Rolava uma certa impaciência em relação ao contraste do sistema autoritário que a gente estava vivendo e de uma vontade de liberdade, de liberdade de expressão.

Walter Casagrande: Você sentia uma necessidade rápida de mudança. Já tava num momento de mudar. Tava começando a ter uma mudança, mas muito lenta. Mas o povo, o jovem, principalmente, tava querendo uma mudança mais rápida.

Marcelo Tas: Porque a gente tinha uma transição não muito clara, entre a ditadura e o que se pretendia, que era uma redemocratização. Momento da gente poder eleger os representantes, o Presidente principalmente, poder ter livre expressão.

Luis Inácio Lula da Silva (arquivo): Companheiros, tá na hora de parar. Todo mundo para também!

Luis Inácio Lula da Silva: Eu me lembro que eu fui ver um jogo do Corinthians e do Guarani e tinha muita gente no Morumbi e eu tava com um grupo de companheiros e diziam assim pra mim: "o dia que a gente levar essa quantidade de gente na Assembléia, a gente começa a mudar a história do Brasil". E quando foi em março de 79, a gente colocou 100 mil pessoas no estádio. Ou seja, foi uma coisa boa.

Narrador: Era uma angústia, né, um sofrimento. Então a gente vivia, cada um a sua maneira ou em grupos, tentando ir contra de alguma forma.

Luis Inácio Lula da Silva: Esse eu acho que foi um momento excepcional, sabe, da luta pela democracia. Foi a entrada dos trabalhadores em cena, na perspectiva de conquistar ao mesmo tempo o direito de greve, sabe, de conquistar mais salários e conquistar a democracia de um país.

José Trajano: A gente achava que um dia aquilo iria acabar, mas quando ia acabar? Quando ia acabar a censura? Quando que aqueles caras que foram embora iam voltar? Eu, por exemplo, não me conformava de ver aquela geração de Brizola, Darcy, Arraes, Celso Furtado, aqueles caras fora do Brasil, ainda jovens. Aqueles caras vão voltar quando? Nunca?

Narrador: E aí você passa a viver um outro tipo de esperança, né, a esperança de que você pudesse realmente ter um país diferente.

Locutora (Rita Lee): No mais sangrento primeiro de maio da nossa história, os milicos reagiram à lenta abertura forjando um atentado. No Corinthians, Vicente Matheus se preparava para enfrentar mais uma eleição do clube. Dessa vez disfarçado como vice na chapa de Waldemar Pires.

Narrador: Quando aconteceu a eleição no Corinthians, o Vicente Matheus apoiou o Waldemar Pires. Ele queria que o Waldemar Pires fosse o laranja dele. O Waldemar seria o candidato, porque o Matheus não poderia se reeleger, e o Waldemar faria o laranja. Ele assumiria a presidência e, depois de um determinado tempo, ele renunciaria ou ele pediria um afastamento se o Vicente era o vice-presidente.

Repórter (arquivo): O senhor não pretende pedir licença após ser eleito, não, né, seu Waldemar?

Waldemar Pires (arquivo): É muito difícil, você me faz essa pergunta... Pedir licença, eu não sei porque eu pediria licença. O que eu quero fazer, o que eu conversei com o seu Vicente Matheus, em aceitar a minha candidatura, foi só se ele ficasse como meu vice-presidente.

Waldemar Pires: Depois de três meses, praticamente rompemos e eu assumi então o Corinthians de fato, que de direito eu já tinha assumido.

Flávio Prado: Afastar o Vicente Matheus do Corinthians era uma coisa complicada, era como se, digamos assim, se quebrasse a segurança do clube, aquele lugar onde você vai se socorrer na hora da necessidade. Que era exatamente o que se vendia para a ditadura. A ditadura era a segurança. Qualquer problema, se tem terroristas, eles fomentavam o terrorismo em qualquer lugar, criava aquele pânico, para que eles fossem o local, o porto seguro para onde a gente fosse correr. O Vicente Matheus era isso no Corinthians.

Narrador: Naquele momento, era uma confusão de poder, uma luta de poder entre o Matheus ____, o Waldemar de direita, e o Corinthians ia muito mal.

Locutora (Rita Lee): 81 já tava mal e ia ficar ainda pior com a queda do Corinthians para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro.

Repórter: Oswaldo Brandão não é mais o técnico do Corinthians. Essa foi a decisão da diretoria após um empate diante do Juventus no Pacaembu.

Locutora (Rita Lee): Sentiram que a maré não tava boa pra eles e deram um jeito de se afastar da cena para colocar um sociólogo garotão no papel de bucha. Eles não tinham a menor ideia do que estavam fazendo.

Narrador: E aí de repente chega um cara falando a nossa língua, com aquela barba, né, que era tradicional, era meio que o símbolo de todo mundo que era da esquerda, com o poder do Corinthians. Tem um comunista aí dirigindo o Corinthians? Puseram o Che Guevara para dirigir o Corinthians? Que que é isso aí?

Adilson Monteiro: Acho que futebol não é desse jeito, mas eu não sei como é. E gostaria que a gente descobrisse juntos uma maneira de fazer futebol, jogar futebol, de viver futebol e, principalmente, de participar da sociedade, participar do momento que o Brasil tá vivendo, o país tava num momento, era final de 81, muito duro. E nós estamos, vocês, vocês futebol, estão assistindo. Nenhuma participação, nenhuma opinião. Sendo que, qualquer coisa que vocês digam, é muito importante.

Adilson Monteiro (arquivo): Quando eu comecei a trabalhar no departamento do futebol, eu fiz uma apresentação, fui apresentado ao elenco, né, era também o início do trabalho do técnico que tava ali, e era uma conversa assim, tipo apresentação, né, de uma pessoa nova no grupo que normalmente deveria demorar 10, 15 minutos e a gente ficou conversando umas 3 horas. E já nesse primeiro dia o Sócrates foi uma das pessoas que mais se interessou por essas colocações, começou a perguntar coisa, a colocar coisa, se mostrou surpreso, né. Por isso, né, uma pessoa que tava chegando, sem ter planos, né, e até sem saber exatamente como é que vivia essa coisa, né.

Zé Maria: Na primeira reunião que nós tivemos, a reunião todo mundo no vestiário, e disseram: "nós viemos pra mudar, vamos mudar e o Corinthians tem que ser diferente". E a gente vinha daquela estrutura arcaica, né, fechada, e chegar e falar: "não, nós queremos abrir".

Sócrates (arquivo): A briga da gente, sempre, era individual, e consequentemente sem muita base, né, sem chegar a nada de prático, era luta de indivíduo contra o sistema. Nem era possível passar para fora, né, passar para as pessoas aquilo que a gente achava, que era errado, que tinha que ser modificado, tinha que ser reformado. Porque era impossível se pretender algo de prático, positivo, daquela forma. Na hora de "pintou a chance" com a chegada do Barba, é nascer. Realmente é nascer de novo.

Locutora (Rita Lee): Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, um nome tão grande quanto o seu futebol elegante, cerebral e inovador. Era a face pública do movimento dos jogadores que já estavam brigando para influir nos destinos do Corinthians. Um camarada perigosíssimo para o sistema.

Walter Casagrande: É difícil a gente encontrar pessoas raras, pessoas singulares. A gente encontra um monte igual, mas não é uma figura única, principalmente no cenário do futebol.

Sócrates canta a música Mágoa de Boiadeiro do Sergio Reis (arquivo).

Luis Inácio Lula da Silva: Ele era um cara acima da média, afinal de contas não é todo dia que você tem um médico que faz a opção de jogar futebol depois de formado.

Entrevistadora (arquivo): Sócrates, era uma vez um filósofo grego chamado Sócrates. E eu fico imaginando porque seu pai deu este nome e como você se relacionou com esse nome no mundo em que você viveu.

Sócrates (arquivo): É um nome que eu gosto, principalmente porque é Sócrates Brasileiro.

Narrador: Um médico, de 1,90m, com o pé 41, que resolvia as coisas de calcanhar, porque se tivesse que virar o corpo caía, que jogava no máximo 7, 8 minutos por jogo, mas que resolvia os jogos.

Locutor esportivo (arquivo): Com o calcanhar, pra trás, taca essa bola, gol!

Marcelo Rubens Paiva: Sempre comemora o gol, né, com o punho esquerdo levantado. Parado, com o punho esquerdo levantado. Isso era muito emocionante, né. Lembrando o gesto que sempre lembrou os grandes heróis e os grandes combatentes, né.

Sócrates: E essa relação com a torcida também foi importante, porque ali tá representando a nação brasileira, tem particularidades que tem no país todo, culturas diferentes, estão todas inseridas no contexto de um clube como o Corinthians. E viver essa realidade também foi muito importante, quer dizer, me senti, de alguma forma, porta voz desse povo. Passou a se quase como um compromisso comigo mesmo.

Locutora (Rita Lee): A conscientização política do Doutor Sócrates começou com as ideias que vinham da esquerda. Na lateral do Timão, Wladimir Rodrigues dos Santos foi um dos primeiros jogadores brasileiros a se ver como um operário da bola e a perceber nas greves do ABC a força que a organização sindical trazia à classe trabalhadora.

José Paulo Florenzano: É extremamente importante resgatar o papel do Wladimir, porque o Wladimir desempenha um papel chave na própria transformação do Sócrates. Essa relação de amizade com o Wladimir é decisiva, porque o Wladimir, então, dentro desse processo de conscientização do atleta brasileiro, já tinha uma história.

Wladimir Rodrigues: Sempre foi inconformado, né, com essa situação, né. A gente ficava incomodado com o fato de não poder interferir nas decisões do país, né. Então isso me levou, inclusive, a ser líder sindical.

Entrevistadora (arquivo): Qual é a sua identidade com o Zumbi? Onde é que você se identifica mais?

Wladimir Rodrigues (arquivo): Acho que é o fato de ele lutar constantemente enquanto viveu pela libertação da raça negra, sabe.

Sócrates: Ah, o Wla... Talvez o braço mais forte do processo. Primeiro que a história dele é intrinsecamente ligada ao Corinthians. Segundo é negro. Isso

tem um peso fundamental em tudo que a gente acredita. Um país tão racista quanto o nosso, cuja cor de pele é sinônimo de riqueza ou pobreza, é fundamental que tenhamos alguém que represente a maior parte da nação.

Locutor (Rita Lee): Movimentos revolucionários não se fazem apenas com intelectuais e trabalhadores. É preciso fazer a cabeça da juventude. Walter Casagrande Júnior, com 19 anos e já centroavante titular do Corinthians, trouxe para a mistura que começava a ferver no Parque São Jorge o som da guitarra que jovens como ele estavam fazendo. Era a dose de rebeldia que faltava na receita.

Walter Casagrande: Eu sempre fui envolvido no meio do rock. Do rock 'n' roll. Rock 'n' Roll, rock 'n' roll mesmo. Eu era o Casagrande, 19 anos, completamente diferente de todos os outros jogadores de futebol. Não era de pandeiro, pagode, nada disso. Rock 'n' roll mesmo. Cabelo, estilo, a roupa.

Wladimir Rodrigues: No futebol a gente tem algumas posições que tem perfil definido, né. Por exemplo, o goleiro o pessoal costuma dizer que ou é louco ou é viado. A maioria prefere ser louco. A maioria prefere ser louco. E os centroavantes são todos malucos.

Walter Casagrande: Todo dia eu tinha uma contestação. Todo dia eu tinha uma polêmica. Todo dia eu tinha um questionamento. O motor era obrigado a ficar questionando. Não é só gostar de rock. Era ser livre, você viver a vida, você contestar. O rock 'n' roll significa isso. "Ih, esse cara é rock 'n' roll", "ih, esse cara é louco", "ih, esse cara é vagabundo", "ih, esse cara é contestador, é rebelde".

Locutor esportivo (arquivo): Empurrou para o comando do ataque, Casagrande, e gol ___!

Juca Kfoury: E no encontro dessas pessoas, com o Corinthians na segunda divisão nacional, disputando a taça de prata, resolvem que o modelo tá errado. E que já que o Corinthians tá no fundo do poço, vamos tentar um modelo diferente. Vamos fazer uma coisa que não seja como todo mundo faz. Vamos resolver as nossas coisas aqui dentro, no voto, na conversa, na discussão.

Sócrates: Uma crise muito grande dentro da estrutura do clube, muitas mudanças e onde há crise, onde há instabilidade, há a possibilidade também de uma revolução. E foi basicamente o que ocorreu. Aproveitamos o que tínhamos naquele momento, uma junção de muitas pessoas com cabeças semelhantes, sentimento semelhantes, mesmo que com formações distintas. E conseguimos abrir espaço para implantar algo diferente, que nós fomos consumindo aos poucos.

Locutor (Rita Lee): Enquanto no Corinthians os seus jogadores ganhavam voz, o Brasil fora das quatro linhas continuava no sufoco. A ditadura já cansada perdeu o controle da economia, a inflação disparou e o pior aconteceu: faltou feijão.

Heródoto Barbeiro: O Brasil da década de 80 é um Brasil que perdeu o seu rumo por 3 motivos. Primeiro: porque tinha uma dívida externa gigantesca.

Segundo: porque a inflação, ela começou a se acelerar durante toda a década. E o terceiro ponto é que aquele modelo de estado, o estado brasileiro, entrou em falência.

Repórter (arquivo): O comércio fechou as portas em quase toda a cidade, atendendo a uma recomendação da Associação Comercial de São Paulo.

Repórter (arquivo): Um contingente de policiais do primeiro batalhão permaneceu no local. A cada minuto que passava, mais gente ia chegando. Um grupo de pessoas começou a gritar palavras de ordem e a multidão foi crescendo. Houve dois corre-corres, mas nada de grave. E a palavra de ordem era uma só: atacar o supermercado Carrefour na Marginal do Rio Pinheiros.

Entrevistado (arquivo): Por que que nós estamos assim? Por que que nós estamos numa situação de quase desespero? Será que não é a chegada de um momento de uma revisão, será que não é a chegada de outras soluções que não a de sempre, que é cortar o salário do pobre?

Multidão (arquivo): O povo, unido, jamais será vencido! O povo, unido, jamais será vencido! O povo, unido, jamais será vencido!

Edgard Scandurra: Isso aí incendiou o coração da molecada toda. Eu comecei a compor nessa época e as músicas que eu comecei a compor eram músicas que, a minha maneira infanto-juvenil de ver, eram músicas contestatórias também, né.

Arthur Dapieve: Você percebe que as coisas tão mudando na política, na sociedade, lentamente, e que a trilha sonora tinha que ser adequada aquilo.

Edgard Scandurra: Acho que as pessoas sentiram um momento pra poder falar mais abertamente as coisas que diziam respeito realidade que viviam, né, da turma, das pessoas da mesma idade, da cidade onde moravam.

Marcelo Tas: O momento em que essa geração começa a fazer o rock em português, sem nenhuma... sem se sentir um cachorro magro por isso, e começa a bater pesado e começa a ter letras muito consistentes, aquilo pra gente vira um grande estímulo, é uma voz.

Paulo Miklos: E aí foi com esse pé na porta que a gente entrou e com essa necessidade também de não ter um discurso tão amoroso assim. Não é essa verdade que a gente vive, é barra pesada. A cidade é confusa, é um caos, é violenta, entendeu?

Dado Villa-Lobos: E era realmente um momento definitivo de se perguntar se a gente ia querer viver o resto das nossas vidas naquele modelo que tava apresentado pra gente ali, um país fechado, um país dominado, um país explorado, um país estagnado.

Narrador: Então de repente essa molecada conseguiu com instrumentos mais simples se juntar nas garagens e fazer uma música mais forte, com uma letra mais direta, dizendo, falando sobre a realidade que viviam, né. Falando principalmente sobre a repressão.

Narrador: E era tudo muito de muita inspiração, né, aquilo lá inspirava muito, quando você sabia dentro de si que era uma coisa irreversível, né, o caminho da liberdade, né, o caminho da democracia.

Kid Vinil: Sabia de pessoas que eram presas, torturadas. Tudo isso era meio assustador, acho que era um desabafo até.

Roberto Frejat: Nenhuma música expressava mais a inquietação jovem naquela época do que o rock 'n' roll. Nenhuma.

Paulo Miklos: Pega, vai, faz, e sai gritando, né, de preferência. Se é tão urgente o que você tem que dizer. E acho que foi o que a gente fez.

Narrador: A resistência não era só, não era só uma coisa política. Mas também era uma resistência musical, também.

Serginho Groisman: Pra mim, tava colocada as três principais questões naquela época da minha vida. As três principais questões. Que era política, futebol e rock 'n' roll e, não necessariamente nessa ordem. Tudo embaralhado.

Walter Casagrande: Naquele momento, no início dos anos 80, aquele projeto do Corinthians caiu naquilo que eu sempre sonhei, que eu sonhava desde 75, né, que eu tava no Corinthians, ser jogador de futebol, mas ter a minha vida. Poder sair, tomar uma cerveja, ir num barzinho, ver um show de rock, ir no teatro, me manifestar politicamente, viver a vida. Começaram a perguntar coisas pra mim: "nós vamos contratar o jogador, o que você acha desse jogador?", "vamos cortar a concentração ou não?", "que dia a gente viaja?". Eu comecei a gostar, comecei a me sentir um cidadão.

Marcelo Rubens Paiva: No período em que a gente tava requestionando a hierarquia militar, a forma como as decisões são tomadas, de cima pra baixo através de regimes autoritários, os caras sugeriram, né: vamos discutir, vamos questionar o posicionamento da nossa equipe, a necessidade de concentração, a escalação, vamos votar.

Sócrates: O voto era uma questão importante em nível nacional, porque já se sentia uma mobilização maior, pela busca pela redemocratização do país, e o voto era um símbolo disso tudo, né.

Zenon: Então nós nos reuníamos e ali discutíamos se seria bom ou não. E como isso era feito? Através de voto. Todos tinham direito de votar a respeito do assunto que era colocado.

Narrador: Eram votos abertos. É claro que, com a inteligência do Sócrates e do Adilson, a coisa caminhava pro lado que eles caminhavam. Não lembro de eles terem perdido nenhuma votação.

Locutor (Rita Lee): No Corinthians, juntando improviso e profissionalismo, as coisas mudavam rapidamente. Para trabalhar a imagem do clube, Adilson trouxe o mais premiado publicitário do país. Washington Olivetto criou o nome que seria a marca daquela revolução: democracia corintiana.

Washington Olivetto: Nós começamos a verbalizar o que estávamos fazendo. Aí o Juca, uma hora, falou: "ah, se eu to entendendo, isso aí é uma democracia aí de corintianos". No que o Juca falou isso, eu falei: "puxa, achei o nome. E anotei: democracia corintiana.

Narrador: E de repente, quando o time entrou com democracia corintiana, desenhado exatamente como Coca-Cola, né, aquilo foi pra mim o ápice da provocação e da coragem, entendeu?

Washington Olivetto: O movimento foi ganhando uma conotação de liberdade, no melhor dos sentidos, que se atrelava ao momento político que o Brasil vivia.

Walter Casagrande: A gente tinha a democracia dentro da gente, né, então ficou muito mais fácil de a gente colocar em prática aquilo que a gente pensava de como a gente gostaria de viver.

Locutor (Rita Lee): Assim, aos poucos, criou-se um ambiente democrático que era único do país, com experiências pioneiras nas relações de trabalho.

Narrador: Massagista, auxiliar, esse pessoal mais humilde, roupeiro, eles não participavam do bicho, né, do pré. E a democracia mudou essa filosofia, mostrando que ela tinha uma visão um pouco de esquerda, um pouco socializante da história. Não, tem um volume de dinheiro que vai ser distribuído, entre, teoricamente, os que jogaram e os reservas que entraram, que nós vamos dividir pra todo mundo.

Adilson Monteiro: Todo mundo aqui tem que ganhar. Roupeiro tem que ganhar. Motorista do ônibus tem que ganhar. Enfim. Nós temos que achar uma maneira para premiar todos.

Zé Maria: Aí o pessoal falou: "poxa, a gente nunca viu disso, po". Também fazemos parte do processo democrático do clube. Acho que isso foi um dos fatores importantes.

Locutor (Rita Lee): O exercício da democracia era mesmo corrosivo para os regimes autoritários. E no Corinthians ele trouxe conquistas simbólicas. Ficar enclausurado antes dos jogos, por exemplo, deixou de ser uma obrigação.

Narrador: Quando nós abolimos a concentração, a gente sabia que nós tínhamos que ser referência de comportamento.

Serginho Groisman: Jogador tem que se apresentar, jogar bem, ele tem 90 minutos pra mostrar como ele está. Quem vai julgar isso é a torcida lá no campo, os jornalistas, o placar, o técnico. Tudo isso. A vida paralela do jogador ninguém tem nada a ver, e a democracia corintiana queria mostrar isso.

Sócrates: Eu sempre comparo. Você ta preso. Qual é o seu objetivo primordial? Ficar livre. Não é teu o trabalho que é importante, o importante é o final do trabalho. Pra nós era o contrário. Quero dizer, o prazer era o jogo. A gente se prepara para o jogo. Quero dizer, era algo assim, de entrega total.

Locutor (Rita Lee): 82 começou cheio de esperança. O Brasil levaria um timaço à Espanha e teríamos, enfim, eleições diretas para governador. Só que ninguém podia imaginar que a seleção brasileira com o Magrão de capitão seria enterrada junto com o futebol arte no campo amaldiçoado do Sarriá.

Sócrates: Quando eu voltei da Copa, com uma bela de uma decepção daquela, né, foi como se voltasse pro colo da mãe. Eu tava ansioso pra chegar, voltar a jogar, ter contato com o nosso povo, ter contato com a nossa realidade corintiana, né, democracia corintiana. E aquele segundo semestre foi fantástico.

Narrador esportivo (arquivo): Vai pela bola, Zé Maria. Sobe Sócrates. Vai na área, _____, atenção, Ataliba, Ataliba, Ataliba, gol! _____, Corinthians com Casagrande na grande área, _____, gol! Que golaço, _____. _____ vai rapaz, bate logo! Gol! Olha o Corinthians, aí, grande _____. Saiu o goleiro _____. Zenon, _____ na retaguarda do _____. Boa jogada de Sócrates, Zenon, _____, gol! No ritmo do esporte! Vai Zenon, vai Biro, _____ é gol, gol!

Narrador: A gente entrava em campo com uma alegria que, olha, difícil de você entender, né.

Sócrates: A sensação que a gente tinha era que o prazer que nos dava ir a campo podia suportar qualquer coisa, porque era uma grande festa ir pro jogo. A gente se reunia na última refeição antes dos jogos e ia todo mundo que quisesse, família, filhos, ia todo mundo dentro do ônibus. A gente ia pra uma grande festa. Era um trabalho, mas o espírito, o prazer de tá indo fazer aquilo que você gosta era inimaginável.

Os jogadores cantam uma música dentro do ônibus (arquivo).

Sócrates: Eu não vejo muito o resultado em campo preservando o movimento. Eu vejo o movimento fazendo o resultado. A força coletiva conseguindo suplantar obstáculos que provavelmente não conseguiríamos se não tivéssemos aquele espírito.

Narrador esportivo (arquivo): Muito bem. Olha o Corinthians. Veja Zenon Biro se mandou, Ataliba tá sozinho. Vai Biro, vai Biro! Gol! Gol! O Corinthians tá _____.

Sócrates: Geralmente a gente se encontrava depois dos jogos no hotel que alguns ficavam, a gente ia pra lá e ficava batendo papo furado, até... era como uma família. Ficava batendo papo umas 3, 4 horas até ir pra casa. Nesse dia resolvemos ir prum show.

Walter Casagrande: Nós íamos em todos os shows que tinha em São Paulo. Sexta-feira, se a gente concentrava no sábado, nós fomos ver a Blitz, Maria Bethânia, Djavan, Ney Matogrosso, Moraes Moreira, todos os, Caetano Veloso, todos os shows a gente ia. E o da Rita eu falei: "po, o da Rita tem que ir, vamos lá, vamos lá, vamos lá".

Sócrates: E aí chegamos lá, sentamos, ficamos assim, não dava nem pra assistir direito o show porque tinha muita gente no Ibirapuera, ficamos na

lateral do palco, e aí eu acho que foi o Casão que teve uma ideia maluca de dar a camisa do Corinthians para a Rita, só que ninguém tinha camisa do Corinthians.

Walter Casagrande: Aí eu olhei assim, tinha um cara no público com a camisa do Corinthians, no show, né, aí eu cheguei pro cara e falei assim: "Meu, vem cá, você me dá essa camisa do Corinthians?", aí o cara falou: "Porra, meu, você não é o Casagrande? Você joga no Corinthians, meu", "Meu, eu não tenho a camisa e eu quero dar a camisa pra Rita Lee".

Sócrates: "Tá bom". Então ele tirou a camisa e deu pra gente.

Rita Lee (arquivo): Ah, _____! Viva o Corinthians! Viva o Sócrates, viva o Casagrande, _____!

Wladimir Rodrigues: A Rita era corintiana, então me chamou no palco, né. Chamou no palco e ela sabia da nossa história, um pouco do nosso posicionamento, então acabou unindo o útil ao agradável ali.

Rita Lee (arquivo): Ah, maravilha!

Eles cantam no show da Rita (arquivo).

Walter Casagrande: E eu convidei ela pra ir na final contra o São Paulo, numa troca, né, "ó, nós viemos no seu show, você vai no jogo do São Paulo". E prometi que ia fazer o gol Rita Lee.

Narrador esportivo (arquivo): Mas que foi coisa de peladeiro! Olha o Doutor. Ele viu o Ataliba, nas proximidades, Everton, lá vai Ataliba, o Corinthians procura o terceiro, passou por dois, vai invadir, _____, olha o gol de Casagrande, gol! Corinthians! Golaço do Corinthians! Do astro do Corinthians! Astro! Que beleza! Um espetáculo! Um gol Rita Lee do jogo! Casagrande faz o gol Rita Lee, _____.

Locutora (Rita Lee): A liberdade de expressão voltava a ser um artigo de primeira necessidade. Apareceu uma porrada de banda nova na obstinada cena rock 'n' roll.

Dado Villa-Lobos: Os ventos de mudança e redemocratização e tal soprando muito através do canal da música.

Roberto Frejat: Naquele momento a gente traz de volta pra música brasileira uma coisa que parou de acontecer em 68, que é o jovem de 18 anos cantar para o jovem de 18 anos.

Walter Casagrande: Um rock 'n' roll com a minha língua e da a minha idade, ó que do cacete! E eu gosto e eu tô gostando de ouvir isso. Não é que eu to achando babaca, não, tá legal o negócio. Um momento de revolução, também, eu tava crescendo ali. Eu tinha 19 anos, eles também, as bandas principais, nós praticamente surgimos e crescemos juntos e estamos juntos até hoje.

A banda Barão Vermelho toca num show a música Manhã Sem Sonho (arquivo).

Roberto Frejat: Quando a gente começou a tocar a gente não tinha a menor ideia de que ia ser profissional. A gente começou a tocar porque a gente gostava. Eu tinha na minha cabeça que eu seria músico profissional, mas eu não imaginava que eu seria parte de uma banda de rock.

Paulo Miklos: A gente não se reuniu, pra você ter uma ideia, pra tocar naquela coisa que uma banda, "não, po, a gente gosta do Led Zeppelin, então a gente vai fazer um som parecido com o Led Zeppelin". As bandas começam assim, na verdade. A gente começou que a gente nem sabia tocar guitarra, nem nada. A gente resolveu formar uma banda pra tocar as músicas que a gente compunha de violão como toda música popular brasileira. Aí a gente resolveu que "não, você vai tocar guitarra, você guitarra, você guitarra, não, três guitarras não dá. Então eu toco baixo, então. Ah, que legal. Eu na bateria, mas na bateria não dá, não sei como faz. Mas quando eu cantar, porque eu também canto, então quando você cantar você me dá o baixo que eu toco atrás, você vai..." e virou uma espécie de time de vôlei.

A banda Titãs toca num show a música Sonífera Ilha (arquivo).

Edgard Scandurra: E essa minha geração foi conquistando degrau por degrau, assim, um público maior, um reconhecimento, até virar uma moda, vai, vamos dizer, e se tornar uma música representativa de um momento de abertura política também.

A banda Paralamas do Sucesso toca num show a música Química (arquivo).

Locutora (Rita Lee): A democracia corintiana se fortalecia encorajando o time a expandir seus limites e a abraçar causas maiores.

Luis Inácio Lula da Silva: Eu também acho que o Sócrates, o Casagrande, o Wladimir, o Juninho e tantos outros, começaram a perceber o seguinte: essa torcida não é uma torcida qualquer, isso é um bando de militante.

Mauro Betting: Tava na hora inclusive de se posicionarem não só sobre o bicho, não só sobre a concentração, não só sobre salário, não só sobre tabela de campeonato, sobre transmissão de televisão. Tava na hora de falar de país, de Brasil, e ser ouvido.

Washington Olivetto: E aí, nesse momento, surgiu a ideia, falei para o ____, "a gente não tem um patrocinador. Vamos ter como patrocinador uma causa social que é a eleição". Daí é que surge a camisa "Dia 15 Vote".

Adilson Monteiro: Porque nós estávamos próximos da eleição de 15 de novembro, que seria a primeira eleição direta do governo dos estados, né. Isso foi em 82. Em São Paulo concorria o Lula, Franco Montoro...

Juca Kfoury: A gente tinha consciência de que quanto mais gente votasse, mais a oposição apareceria, né. Quer dizer que era de certa maneira uma campanha contra o voto nulo, né, que a gente achava um equívoco naquele momento, não podiam perder pro Maluf.

José Trajano: É claro que provocou em pessoas que não tavam nem percebendo que o Brasil vivia uma ditadura, o torcedor da arquibancada, que

torcia por torcer, "Salve o Corinthians!", talvez alguns deles: "Po, o que tá acontecendo? O que é democracia corintiana?"

José Paulo Florenzano: O advento da experiência da democracia corintiana no clube mais popular de São Paulo, um dos mais populares do Brasil, com a visibilidade que isso acarreta, de fato foi um fator de desestabilização do paradigma do ópio do povo e de todos aqueles que contavam poder utilizar o futebol nesse sentido, como uma arma, num domínio cultural da classe trabalhadora.

Juninho Fonseca: De alguma maneira nos estávamos tirando proveito daquilo que nós fizemos no Corinthians e dizendo: "ó, por que que não se faz no país?"

Sócrates: Eu acho que ali a coisa ficou clara, ficou extremamente politizada, que até então não era, era um processo, digamos, de uma micro sociedade que tava querendo se organizar melhor pra ter condições de convivência mais satisfatórias e expectativa de resultados melhores.

Narrador esportivo (arquivo): Posição é boa, ____, atenção, bateu, tocou, é gol!

Sócrates: Da maior importância foi o fato de estarmos discutindo política com negócio de futebol num país de deseducados e ignorantes. A linguagem do futebol, ela é universal nesse país, ela nos unifica, ela é entendida por todos. Quer dizer, a partir do momento em que você tá mostrando algo que possa ser assimilado por pessoas de diferentes níveis de socialização e conhecimento, você tá provocando um processo educativo fantástico. Eu acho que esse foi o principal aspecto daquele movimento. Ele provocou um melhor entendimento do que é ação política e provocou também a transformação que o país exigia. Quer dizer, nós conseguimos de alguma forma, indiretamente, mobilizar essa população em torno de causas que seriam muito mais difíceis de serem atingidas caso não tivéssemos uma linguagem que fosse acessível. Acho que foi a grande riqueza. O resto todo é secundário.

Waldemar Pires: Na segunda feira, quando eu cheguei no escritório, já tinha um telefonema do CND. "Por que vocês puseram 'Dia 15 Vote'?", "Foi uma maneira de adicionar, de contribuir com a nação para o pessoal vir votar." Aí a palavra dele, "Ó, eu vou fingir que acreditei, vocês tiram isso, não põe mais, não mistura política, porque senão... vai ter problema".

Locutora (Rita Lee): A censura do governo militar que proibiu aquela camisa do Corinthians também era exercida com poderes ilimitados sobre o rock Brasil pela doutora Solange, temida titular da censura federal.

Kid Vinil: Durante toda a década de 80 existiu uma liberdade de expressão, mas liberdade de expressão entre aspas, porque ainda existia a censura federal. E o interessante é que a gente tentava driblar a censura, né. Era complicado, às vezes, para passar uma letra. Às vezes a gente tinha que mudar várias vezes uma letra pra ela conseguir passar na censura e conseguir enganar a chefe lá da censura federal.

Roberto Frejat: O primeiro disco do Barão é um disco que tem uma música censurada. O refrão dela, eu falo assim "Você precisa é dar". Isso é uma coisa, na música brasileira ninguém falava, "Ô, mulher, vai dar aí, po, para de encher o saco, sabe, para de ficar regulando aí, fazendo esse cu doce, né, vai dar!", né. Isso era uma coisa que você não tinha dentro da música brasileira. E aí essa música ficou parada na censura, ela não aprovou lá, na época era a tal da Solange, né, e aí a gente no disco cantou, o Cazuza cantou "Você precisa é dar-se", mas não foi aprovado também pela censura. Só que aí a gente falou "Cara, ninguém conhece a gente, ninguém da censura vai parar pra ouvir esse disco de novo, vamos cantar essa música desse jeito", e ela tá lá até hoje, com "Você precisa é dar-se".

Paulo Miklos: A gente já tinha música censurada, que a gente não pode gravar, no primeiro disco. A gente só veio a gravar no terceiro que é o "Cabeça Dinossauro". "Bichos Escrotos", por exemplo, que é um depois que virou um clássico e tal.

A banda Titãs toca num show a música Bichos Escrotos (arquivo).

Dado Villa-Lobos: "Moramos na cidade, também o presidente, e todos vão fingindo viver decentemente, só que eu não pretendo ser tão decadente, não", isso era uma coisa, assim, impossível de passar na censura da Dona Solange, né. Então, assim, na verdade você mudava a letra, você botava assim "Moramos na cidade, também o presidente, ah, e nós todos vamos vivendo tão decentemente, como é bom estar aqui presente com o presidente", né, aí rolava o carimbo "ok, pode tocar essa música". E na hora de cantar cantava a original, ninguém entendia mesmo, o som era muito ruim.

Locutora (Rita Lee): O som às vezes não era bom, mas a nova crítica especializada colocou o rock Brasil no colo. A democracia corintiana não teve essa moleza. Essa história de jogador decidindo horário de treino, concentração e contratações não agradou aos mais conservadores, que preferiram apelidar o movimento de "anarquia corintiana".

Juca Kfourj: Antes de chocar a sociedade brasileira, a estrutura carcomida do futebol, choca a imprensa esportiva de São Paulo. Você conta nos dedos de uma mão quem apoiou a democracia corintiana.

Locutora (Rita Lee): E a cada derrota ou desclassificação do alvinegro do Parque, o revolucionário modelo de autogestão era colocado em julgamento.

Zenon: Muita gente falava que aquilo ali não era uma filosofia de trabalho, que não era nenhum projeto, e sim uma bagunça. Que os jogadores queriam era sombra e água fresca.

Adilson Monteiro: "Ganhar é um detalhe", isso foi uma frase que ficou como frase da democracia corintiana. Era nada. Se não ganhasse, a gente não sobrevivia. O mundo caía, a imprensa caía, a torcida caía em cima da gente. A gente precisava ganhar.

Locutora (Rita Lee): A democracia brasileira se reforçava com Tancredo, Montoro e Brizola chegando ao poder contra a vontade da ditadura. Os milicos agora tinham que dialogar. Diálogo era o que não faltava na

democracia corintiana que abria as portas para um novo integrante: Emerson Leão, presente em três Copas, chegava para comprovar que onde goleiro pisa não nasce grama.

Adilson Monteiro: Aí eu perguntei a quem conhecia o Leão, que que achava de eu trazer o Leão. Sócrates jogou com ele na seleção, "favorável", Wladimir, "perfeito", Zenon, Mário Travaglini, Mafia, Zé Maria. Os que eu conhecia "pode trazer". Fui pro Sul, escondidinho, e contratei o Leão. Contratei ao Fábio Koff e o Koff me falou "Você tem certeza do você que ta fazendo?"

Emerson Leão: Eu cheguei entendendo que o democracia tinha as suas obrigações, mas tinha suas liberdades dentro da sua obrigação. Menos pra mim. Então eu percebi que era o seguinte: "dentro da nossa democracia você pode fazer tudo o que você quiser, desde que seja aquilo que eu permita". Então isso tava bem estabelecido. E o pior de tudo, eu tinha que repetir o êxito, porque se perdesse, quem seria o culpado? Leão.

Flávio Gikovate: Nessa questão do grupo harmônico, a contratação do Leão criou um problema. Hoje eu tenho certeza que todo mundo que contribuiu nessa contratação se arrepende.

Adilson Monteiro: "Aqui está o Leão: arrogante, orgulhoso, mascarada, prepotente, desbocado, personalista, mas um grande goleiro, um grande jogador de futebol, e a partir de hoje, nosso goleiro. Quem quiser falar, fale." Foi um tiroteio.

Emerson Leão: Perguntaram pra mim: "Olha, nós fizemos essa reunião por sua causa." Eu falei: "Por minha causa? Imenso prazer. Tô muito satisfeito, por minha causa... Tô aqui só há um mês.", "Não, pelas suas atitudes nesse 1 mês, pela maneira que você fala, dá entrevista, você tá desunindo um pouco o grupo.", "Eu? Desunindo um pouco o grupo. Vamos interpretar o que é isso", "É porque várias pessoas já estão com você, já passaram pro seu lado". Eu falei: "Então vamos fazer o seguinte, não me deixa mais de 1 mês, não, porque senão vai passar 100%".

Flávio Gikovate: Então acabou começando a se compor uma espécie de subgrupo liderado por ele, que acabou formando uma tensão interna que não tinha durante 1982.

Emerson Leão: A minha hierarquia era o treinador, o diretor de futebol, o presidente e o torcedor, e mais ninguém. Não era um outro atleta que ia dar ordem ou mandar em mim.

Marcelo Rubens Paiva: O Leão representava o futebol que a gente não queria mais. Quer dizer, ele era aquele cara retrógrado, disciplinador, "quem manda é o técnico", e não é assim, né, as coisas tem que ser conversadas, né, até no futebol.

Locutora (Rita Lee): Numa ensolarada tarde de domingo, quem foi ao Pacaembu não viu futebol, mas presenciou manifestações contra o imperialismo e, meio en passant, o primeiro comício pelas eleições diretas para presidente.

Narrador: Foi na porta do estádio do Pacaembu quando teve o primeiro comício das Diretas Já, que geralmente não estão no __, um pequeno comício, onde tinha muito mais barraquinhas, parecia mais uma grande quermesse na praça na frente do Pacaembu, mais uma quermesse do que propriamente um movimento político.

Ricardo Kotscho: Não teve um público muito grande, foi uma confusão danada, né, porque marcaram pro mesmo dia esse primeiro comício das Diretas e tal e um ato de solidariedade à Nicarágua.

Luis Inácio Lula da Silva: Eu lembro que nós fizemos aquela movimentação. Ela foi muito importante, inclusive foi lá que nós recebemos a notícia da morte do Senador Teotônio Vilela, que foi anunciada inclusive pelo Fernando Henrique Cardoso.

Fernando Henrique Cardoso: Essa era mais feita pelo pessoal do PT. Naquele tempo, o PT era muito, talvez até hoje, muito sectário. Então quem ia lá e não fosse do PT era vaiado. Eu fui representar o MDB e não fui vaiado porque eu anunciei a morte do Teotônio Vilela, o senador.

Marcelo Tas: Primeiro comício das Diretas, que nenhuma emissora tem, o que é muito engraçado. A gente teve esse faro jornalístico de estar presente e entrevistar todo mundo, né, o Lula, o Hélio Bicudo.

Marcelo Tas (arquivo): Tudo pela reportagem! Senhor Hélio Bicudo, senhor Hélio Bicudo, o senhor gosta de discurso?

Hélio Bicudo (arquivo): Eu gosto quando os discursos são pelas Diretas.

Luis Inácio Lula da Silva (arquivo): A gente não pode esquecer da fome que o povo tá passando, não pode esquecer das necessidades, do desemprego, do homem do campo, que é recurso da terra. Mas é preciso ligar de que esses problemas só serão resolvidos na medida em que a gente tenha as eleições diretas e escolha o Presidente da República.

Narrador esportivo (arquivo): _____, consegue dar para Wladimir, boa bola para o Atalibe, bolão do Sócrates, gol! Corinthians! _____

Narrador esportivo (arquivo): Gol, gol, gol, gol, gol, Sócrates! Gol _____ é dele a camisa número 8!

Torcedores (arquivo): Gol! Gol!

Narrador esportivo (arquivo): ____ Corinthians!

Zenon: E esse jogo foi um jogo disputadíssimo. Palmeiras teve inúmeras oportunidades para fazer gols, mas não fez. E o Sócrates, na única oportunidade que teve, fez o gol.

Narrador esportivo (arquivo): Biro-Biro, ____, Sócrates pediu do lado de lá, ____, tocou pra Sócrates, virou bonito, pode bater, caprichou, gol!

Torcedores (arquivo): Gol!

Narrador esportivo (arquivo): Gol, é gol Corinthians! É _____

Narrador: Vencemos o Palmeiras e fomos pra final do Campeonato Paulista, enfrentando São Paulo mais uma vez na final de 83.

Locutora (Rita Lee): Em sintonia com o espírito das ruas, a democracia no Corinthians não ficava só no vestiário para dentro. O time aproveitou a final do paulista para tornar seu compromisso ainda mais público.

Adilson Monteiro: Nós entramos para a partida final do campeonato em 1983 com a faixa "Ganhar ou perder, mas sempre com a democracia".

Walter Casagrande: Vencer ou perder, mas sempre com a democracia. A gente ganhava ponto com a democracia, com a vitória, mais força de grupo a gente tinha. A gente sabia disso.

Narrador esportivo (arquivo): O Corinthians com ____ Alfinete, Mauro, Juninho, Wladimir, Paulinho, Biro-Biro, Sócrates, Eduardo, Zenon e Casagrande.

Juca Kfour: Você imagina isso? Você saindo ainda de um processo ainda de ditadura, que você não votava pra presidente.

Narrador esportivo (arquivo): Zenon vai pelo meio. Lançado o Zenon, limpou! Complica-se um pouco o Zenon. Vai deixar para o Magrão. Atenção... É gol! Gol! Corinthians! _____

Sócrates: Tínhamos um time inferior do São Paulo, tanto em 82 quanto em 93, mas muito mais forte, digamos, animicamente, né, por causa do processo em que a gente vivia. E eu acho que foi isso que provocou a vitória tanto num ano quanto no outro.

Locutora (Rita Lee): As vitórias corintianas valorizaram a equipe e propostas milionárias do futebol europeu eram uma constante ameaça à permanência de Sócrates no Brasil.

Repórter (arquivo): Manchete do Estado de São Paulo: Sócrates na Fiorentina. Sócrates, o que você pensa dessa manchete? Há alguma coisa de concreto já?

Sócrates (arquivo): Ah, contatos, mas nenhuma definição. Portanto não gostaria de discutir isso agora.

Locutora (Rita Lee): Em Brasília ainda era 1968, mas a emenda parlamentar do jovem deputado Dante de Oliveira propunha eleições diretas para presidente no ano seguinte, e fazia do amarelo a cor da moda.

Ricardo Kotscho: Ele era um jovem deputado do Mato Grosso, né. Tinha participado do movimento estudantil, né, e toda aquela ebulição do período, né, e arriscou, apresentou uma emenda sem maiores pretensões, e tal, que acabou ficando conhecida, emenda das diretas, emenda Dante de Oliveira. E o Dante foi um símbolo e um catalisador de uma vontade que já era uma vontade nacional.

Sócrates (arquivo): O Brasil hoje é uma casa velha, antiquada, sem condições de moradia e que precisa ser demolida. Então precisamos demolir essa casa, construir outra, né, com concorrência pública. Pública, quer dizer, a população do país participar dessa concorrência, pra construir uma casa que ele espera que seja suficiente para ele poder viver bem e que nós possamos fazer uma casa maravilhosa. Eu acho que o caminho é esse.

Manifestação (arquivo): 1, 2, 3, 4, 5, mil, queremos eleger o presidente do Brasil!

Locutora (Rita Lee): Frequentar comícios gigantes pra falar mal do governo militar e pedir eleições diretas passou a ser então o programa de quem não aguentava mais ter a vida decidida pelos homens de farda.

Luis Inácio Lula da Silva: Era um momento de êxtase de uma sociedade. Não era de um partido político, de um governador, era da sociedade como um todo.

Locutora (Rita Lee): A campanha das Diretas Já fez dois sucessos musicais instantâneos. A Fafá resgatou os versos do hino nacional enquanto a juventude berrava.

A banda Ultraje a Rigor toca num show a música Inútil (arquivo).

Narrador: Fazia uma crítica ao sistema e fazia uma crítica também ao povo, né, quando falava "A gente não sabemos escolher presidente, a gente não sabemos tomar conta da gente, a gente não sabemos nem escovar os dentes".

Roger Moreira: Eu ___ esquisito, o cara cantando português errado, falando que não sabe escolher presidente...

Arthur Dapieve: Po, nossa música é tão boa pra falar, cantar em passeata quanto caminhando e cantando.

A banda Ultraje a Rigor toca num show a música Inútil (arquivo).

Leonel Brizola (arquivo): O governo deste país só será estável, só poderá existir mesmo, é com o voto do povo brasileiro.

Narrador: O grande momento de virada foi o comício da Praça da Sé. E havia tanta gente que os alto-falantes não tinham sido previstos pra toda aquela massa. Dali por diante era visível que a coisa ia estourar.

Narrador: O que mais me chamava atenção era ver o caráter supra partidário que existia nessa manifestação, quando Brizola discursava, quando Ulysses Guimarães discursava, quando Fernando Henrique discursava, quando Lula discursava. Era um momento de emoção muito grande para a população, assim, para todos nós, né.

Marcelo Tas?: O que eu acho que todo mundo sabia é que precisava se colocar que a gente tinha que sair daquela infância, daquela coisa de ser tutelado, daquela coisa de não poder decidir nada, entendeu, e eu acho que era esse grito que tava na garganta.

Manifestação (arquivo): 1, 2, 3, 4, 5, mil, queremos eleger o presidente do Brasil!

Luis Inácio Lula da Silva: Desejo maior, o grande tempero, era a vontade de conquistar de volta a democracia pro nosso país e o povo poder votar livremente para Presidente da República.

Fafá de Belém: O começo, assim, o que coroou as Diretas, foi o comício da Candelária. tivemos 10, 15 mil pessoas na Praça da ___ de Mina. 80, 100 mil pessoas na Praça da Sé. Quando finalmente, quando se chega a Candelária, foi o mais emblemático, ali sabíamos que era irreversível.

Repórter (arquivo): Essas imagens que vocês estão vendo, impressionantes, são de uma Rio Branco completamente super lotada as quatro e meia da tarde, apenas meia hora depois do início para a convocação da concentração na Candelária. Até agora estão todos lá: burocratas, estudantes, sindicalistas, motoristas, donas de casa, políticos, secretários de estado. Todos pedindo Diretas Já em faixas, cartazes, slogans e botões.

Fafá de Belém: A avenida toda tomada, todos os líderes políticos, todos os partidos ali, todos os intelectuais, todos os artistas, tudo se misturava. Não existia protagonismo, a protagonista era a democracia. A gente se abraçava, chorava, era uma grande festa.

Locutora (Rita Lee): A campanha chegava à reta final com públicos cada vez maiores. No último comício das Diretas, no Vale do Anhangabaú, compareceram um milhão de pessoas.

Ricardo Kotscho: Esses números todos, eles foram crescendo a cada comício, né. Então eu me lembro de várias manchetes, né, "Maior comício das Diretas", "Maior", "Maior", até chegar nesse, que realmente foi último, foi o maior. Hoje, olhando pra trás, me lembra uma final de campeonato.

Walter Casagrande: A cidade tava um alvoroço, tinha muita gente lá no Anhangabaú. Fui de metrô, parei meu carro no metrô, desci lá, fui com uma amiga, cheguei lá e já encontrei o Wladimir lá. Aí subiram no palanque, assim, aí o Sócrates, o Osmar Santos, e eu olhava assim pra multidão e falei "Putá, cacete, meu, que coisa". Eu não tinha noção do que ia ser. Assim, era uma coisa difícil de explicar. Eu tava lutando praquilo, aquilo era importante pra mim, mas eu não tinha noção que todo mundo, que um milhão de pessoas, ia tá lá apoiando aquilo, né.

Sócrates: Quando eu cheguei, já não dava pra andar. Quer dizer, não existia passeata. Impossível, porque já tava todo mundo, tava lotando os dois lados.

Wladimir Rodrigues: Fomos pro Anhangabaú pra dizer pras pessoas que o atleta de futebol também é parte integrante da sociedade e quer que toda a população, a gente queria que toda a população participasse daquele momento.

Juninho Fonseca: Em termos de impacto na nossa vida, eu não vi nada que tenha me causado um impacto tão grande a não ser o nascimento dos meus filhos.

Sócrates: É difícil descrever o que a gente sente quando tá tomado, né, pela emoção. É muito difícil. Quer dizer, na verdade a gente passa a sentir as coisas com uma amplitude exagerada. Tudo é exagerado. É como se estivéssemos sempre prestes a chorar, prestes a se entregar a alguma coisa. Eu acho que foi basicamente isso. Quer dizer, eu flutuei ali, flutuei o tempo todo. Passei aquilo que era o que eu tinha lá na Mao, segundo o Juca Kfourri fala, que eu fui o único que arriscou alguma coisa. O que eu tinha na mão era aquilo lá, eu queria demonstrar isso, o meu sentimento, o meu credo, né, naquilo que eu pretendia para o meu povo.

Sócrates (arquivo): Caso a emenda Dante de Oliveira passe na Câmara dos Deputados e no Senado, eu não vou embora do meu país!

Narrador (arquivo): Repita aqui, doutor, repita aqui, se a emenda for aprovada, você...?

Sócrates (arquivo): Não vou embora do nosso país!

Sócrates (arquivo): Eu consegui perceber naquela passeata como é que se vai numa guerra pra morrer. Saca? Porque não se vai com o corpo, se vai com a alma.

Narrador esportivo (arquivo): Ê, perigo, o Casagrande, agora corre atrás, agora é que que quero ver, Casagrande mudou, pra Zenon, Sócrates... É golaço-aço-aço-aço-aço! É o primeiro do Corinthians!

A banda Ira! toca num show a música Gritos na Multidão (arquivo).

Aqui tem uma parte que não dá pra entender.

Narrador (arquivo): Por isso, dietas já, meus irmãos!

Aqui tem uma parte que não dá pra entender.

Franco Montoro (arquivo): Eu levarei à Brasília o recado de São Paulo. Como governador eleito pelo povo, vou dizer que 25 milhões de brasileiros de São Paulo querem as eleições diretas já.

Marcelo Tas: Todo mundo foi pra Brasília, assim, com grande esperança, com uma alegria, dentro do avião, eu me lembro, tinha um ambiente muito cívico, vamos dizer, uma coisa feliz. Você tá acordando pra ir pra uma festa da pátria que via terminar muito bem, esse era o sentimento. E aí no aeroporto a gente já recebeu um tratamento que a gente viu que o buraco era mais embaixo. Assim, a gente foi recebido na pista e tava o Exército, tava a Aeronáutica, tava todo mundo meio perfilado e você já descia meio num corredor polonês, assim, você entendeu? E nós, como éramos moleques muito travessos, a gente desceu gravando.

Marcelo Tas (arquivo): Bom, e depois de fazer essa abertura, nós fomos convidados por um senhor de terno a ir até essa salinha que vocês estão vendo agora onde ele apagou quase tudo que eu havia falado no aeroporto. Mas agora parece que as coisas já estão aparentemente normalizadas aqui em Brasília.

Locutora (Rita Lee): Quem não pode acompanhar a votação madrugada adentro, foi dormir sonhando com um país mais democrático.

A banda Barão Vermelho toca num show a música Pro Dia Nascer Feliz (arquivo).

Narrador (arquivo): A mesa quer silêncio, está esgotado o tempo regimental para a duração.

Voz (arquivo): Senhor Presidente!

Narrador (arquivo): Está encerrada a sessão!

Manifestação (arquivo): 1, 2, 3, 4, 5, mil, queremos eleger o presidente do Brasil! 1, 2, 3, 4, 5, mil, queremos eleger o presidente do Brasil! 1, 2, 3, 4, 5, mil, queremos eleger o presidente do Brasil!

Marcelo Tas: Uma sensação de você ter corrido uma maratona de meses e meses e meses e meses e, no final, quando você tá pronto pra subir no pódio, alguém foi lá e fez um truque, você entendeu? E ficamos todos ali com cara de bobos, mas o sentimento inegavelmente era muito amargo e de derrota.

Locutora (Rita Lee): Apesar da mobilização nacional e da promessa do Magrão, a votação da emenda das diretas do Congresso foi uma das maiores broxadas da história.

Repórter (arquivo): O primeiro momento após o anúncio da rejeição da emenda foi de silêncio absoluto. Depois vieram os gritos de revolta. E então foi cantado o Hino Nacional, algumas pessoas com os olhos cheios de lágrimas.

Uma multidão canta o Hino Nacional (arquivo).

Roberto Frejat: Foi uma barbaridade dessas da história política brasileira aquilo ali não ter sido aprovado na época, porque era o clamor da população. O povo tava na rua como não tinha estado desde a década de 60, até porque não podia estar, né, porque ia apanhar muito. Mas naquele momento não tinha policial pra bater naquela quantidade de gente.

José Trajano: A gente criou uma ilusão, né, de que ia passar a emenda. Havia um sentimento muito forte nas capitais, né, nos lugares que você trabalhava, movimentos de rua, os comícios, e de repente tomar uma trauletada dessas deu um desânimo, né, uma desesperança.

Sócrates: Eu tinha certeza - santa ingenuidade - eu tinha certeza que ia passar a emenda constitucional, e aí fiquei absolutamente frustrado. Foi uma das vezes que eu me lembro que eu mais chorei.

Locutora (Rita Lee): A ressaca cívica foi geral. Assim como o sonho das diretas, a democracia corintiana também acabou se desmanchando no ar. Faltaram resultados e faltou o doutor Sócrates, inevitavelmente vendido para a Itália em maio de 84.

Repórter (arquivo): O que dizer no momento de tanta emoção, Sócrates, como esse? Esse movimento todo que você implantou no Corinthians, essa vontade de ficar caso realmente fosse escolhido pelo povo o Presidente da República, tudo isso?

Sócrates (arquivo): Tudo isso faz parte da minha vida, né, mas é passado. Eu pretendo fazer muito mais no futuro.

Sócrates: Sem dúvida alguma foi o período mais rico que eu vivi, aquele que proporcionou praticamente tudo o que eu sou hoje enquanto ser humano, enquanto pessoa, enquanto ativista de qualquer coisa que seja. Eu aprendi ali.

Serginho Groisman: Essa experiência foi única no Brasil, no momento que era importante aparecer. Fazer hoje seria também ótimo, mas não teria a importância política que teve naquele momento. Aquilo deixou muitas lições, pro futebol e para a política.

Wladimir Rodrigues: Eu até diria que faria tudo de novo, tudo que eu fiz e disse, eu faria tudo de novo, porque isso faz parte de mim, não tem jeito.

Narrador: O Brasil renasceu ali, né. O Brasil de hoje, se você olhar o Brasil de hoje, ele é muito fruto daquela época, né.

Narrador: E porque deu certo, porque se o time não era bom, tudo o que a gente tava falando aqui a gente tinha falado "Lembra daquele bando de bêbados que não se concentrava e não jogava porcária nenhuma?" Pois é, mas a gente tá falando de algo que ficou, que aquilo a gente não sabe quando começou, mal sabe quando terminou, e terminou não tão bem assim, mas o que ficou nesse verão do amor corintiano nesses dois anos é o que ficou não para o Corinthians e nem para os atletas, é pro futebol brasileiro. Mais que pro futebol, é pro Brasil do futebol. É pro brasileiro.

Walter Casagrande: Pra todos aqueles que lutaram desde 64, que morreram, que sumiram, que foram torturados, que foram presos, todos aqueles que foram exilados e tal, a democracia corintiana bateu o pênalti. Eles fizeram todas as jogadas, só que na hora de bater o pênalti não tinham mais força, estão já exaustos de tanto apanhar. Aí surgiu um grupo ali no Corinthians que é a democracia corintiana que nada mais fez de importante do que bater o pênalti que o time anterior tinha construído. A bola tava no pênalti faz tempo, só que não tinha ninguém pra bater, né.

Sócrates: A gente pode definir como o período em que o país voltou a sorrir, a tentar se reencontrar, a tentar se reconstruir, a encontrar seu caminho. Ainda estamos passando por esse processo, mas o sorriso ali voltou. O sorriso substituiu muitas lágrimas.

Locutora (Rita Lee): Da frustração das Diretas pra cá, a democracia brasileira se consolidou, mas o pior da ditadura ainda sobrevive: na alienação promovida pelo Estado e pela mídia, e nos métodos brutais das polícias militares. É preciso seguir lutando.